

VIVERES E FAZERES NA/DA CIDADE: OS LIBANESES E A CIDADE DE SÃO PAULO

*Yara Aun Khoury**

Este projeto, contando com bolsa produtividade em pesquisa e com a participação de bolsistas de iniciação científica, pelo CNPq, realiza-se junto ao Núcleo de Estudos: Cultura, Trabalho e Cidade, do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, dentro do qual um grupo de professores vem refletindo sobre a produção histórica e cultural do espaço ou, dizendo de outra forma, sobre o espaço como elemento constitutivo da história dos homens, como habitat e como referência.

Diante de um tempo de transformações radicais nos viveres rurais e urbanos contemporâneos, processos de aceleração tecnológica, de constituição de redes de comunicação e informação de abrangência internacional, de criação de circuitos globalizados, estendem-se pelos meandros da vida cotidiana, provocando desmanches e novas configurações na vida social. Modos contemporâneos de constituição desses viveres têm se expressado na emergência de um número cada vez maior de trabalhadores desqualificados para o trabalho, no aumento exacerbado do desemprego e na configuração de novas e inquietantes formas de exclusão social; têm se traduzido em profundas alterações na distribuição dos tempos, no uso dos espaços, nas migrações entre cidades, países e entre o campo e a cidade.

Nesse sentido, fazer do espaço e da cultura objeto de reflexão tem significado indagar-se sobre o destino das sociedades modernas, dos viveres urbanos e rurais e das populações que os constituem; tem significado sondar formas como, no fazer-se das cidades, seus habitantes, vindos de diversas procedências, com diferentes trajetórias e bagagens culturais, vêm construindo sua sobrevivência e a própria cidade, lidando com

* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

situações de desemprego e de exclusão, reelaborando relações familiares e sociais, hábitos, atitudes, práticas religiosas; tem significado sondar maneiras como usam, pensam e vêem a cidade, seu lugar e seus direitos nela.

Observando a cidade na perspectiva formulada por Marcel Roncayolo,¹ em que ela aparece mais como uma categoria da prática social do que como um conceito analítico, este projeto a tem trabalhado como o lugar de constituição histórica e cultural dos sujeitos, buscando apreendê-la em toda a sua complexidade. Levando em consideração que os limites do urbano se diluem e se confundem se atentarmos apenas para sua constituição demográfica, ou se adotarmos uma definição puramente funcional, baseada, em última análise, na divisão do trabalho, vai em busca de uma cultura urbana cujos componentes e articulações se estendem para além de seus limites aparentes e procura explorar nela formas culturais em constante movimento.

Entre os muitos modos de indagar a cidade, quer pelo viés da uniformidade, buscando uma “identidade urbana”, quer pelo viés da fragmentação, desvendando nela múltiplas e diversas culturas moldando a paisagem urbana numa relação de convívio e de disputas, preferimos tomá-la como um processo simultâneo de organização e desorganização, procurando compreender as relações através das quais ela se forja, explorando a diversidade de práticas, interesses, tradições e hábitos amalgamados e conflitantes que a constituem.

Observando, particularmente, processos migratórios internacionais como expressões de luta pela sobrevivência, de disputas por lugares, por direitos, por projetos de vida, por opções políticas, vamos ao encontro da experiência de libaneses na cultura urbana paulistana, perscrutando maneiras complexas e contraditórias como forjam o seu viver, criando solidariedades e disputas, formas de organização e práticas diárias que se inscrevem na composição e nas paisagens da cidade. Perscrutamos como esses estrangeiros vão se enraizando no solo paulistano, alimentando um sentimento de pertencimento ao lugar, construído nas vivências diárias que, apesar de se configurarem na cidade de São Paulo, ultrapassam suas fronteiras, estendendo-se a problemáticas vividas no país de origem, ou a partir dele, e que continuam a interpelá-los.

A arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, contrapondo-se à noção de cidade como cenário ou espaço inerte, vê nas configurações espaciais um dos elementos básicos das

1 M. Roncayolo. “Cidade”. In: *Região*. Enciclopédia Einaudi, vol. 8. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1986, pp. 396-487.

transformações históricas. Considerando que as relações que as pessoas estabelecem entre si configuram-se espacialmente, vê na história da organização do espaço da cidade, as formas de organização do trabalho, as formas de relação social, etc., introduzindo a noção de território como aquela que supõe uma ligação intrínseca entre espaço e subjetividade. Segundo ela, não existe um território sem um sujeito; o território é o espaço real vivido.²

As marcas que esses libaneses vão imprimindo em São Paulo trazem uma herança de vivências no país de origem, assim como de outras, através das quais vão se tornando parte da construção da cidade; pelo viés dessas vivências, forjadas numa relação tensa, ambígua e/ou contraditória, visualizam e sentem esta metrópole, assim como lançam novos olhares para sua terra natal.

Como é sabido, e já assinalado por diferentes autores, os libaneses têm vivido um processo constante de emigração, com momentos de maior ou menor intensidade. Dirigindo-se para o Brasil desde meados do século XIX, a grande maioria tem vindo mais por conta própria, ou ajudada por parentes ou amigos, do que como partícipe de algum projeto colonizador. Preferem, sobretudo, as atividades comerciais ou empresariais, estabelecendo-se por si mesmos, ou com algum sócio, após um período de trabalho em empregos variados. Se alguns se realizam, no Brasil, como profissionais liberais, outros na literatura ou nas artes, ou, ainda, nas lides acadêmicas, a quase totalidade se concentra nas cidades, espalhando-se pelos mais diversos recantos deste país.

Alguns estudos, obras literárias, memórias e biografias relatam e/ou discutem essas experiências, destacando personalidades, sobretudo no domínio empresarial, literário e político, além da figura sempre lembrada do mascate. Estudos mais recentes lidam com memórias de libaneses, explorando dimensões da vida cotidiana e de suas lembranças.

Neste projeto particular, procuramos sondar maneiras como libaneses de várias condições sociais e econômicas continuam a chegar e a se refazer na cidade e com a cidade de São Paulo, sobretudo no período de 1950 a 1998.

A escolha desse período tem se mostrado proveitosa para trabalhar os mecanismos que presidem a dominação e a resistência desses habitantes em relação às cidades presentes em suas vidas, aos libaneses entre si e em relação a outros povos, assim como a São Paulo e a seus outros moradores, mecanismos esses entretecidos no imbricamento

2 S. Rolnik. "História urbana: história na cidade?". *Cidade e história*. Salvador, UFBA/Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992, pp. 27-9.

das várias dimensões da vida social. Questões políticas vividas pelo povo libanês, quer dentro, quer fora do país, a pequenez de seu território e sucessivas invasões, têm afetado, de maneira bastante expressiva, seus modos de viver, sua história e as relações que estabelecem entre si e com outros povos. Como trazem essas questões em suas vivências na cidade de São Paulo?

Na fala da maioria dos libaneses, mesmo nascidos no Brasil, a presença do Líbano é marcante, expressando-se de várias formas, quer por sua fama de país acolhedor e de povo hospitaleiro; quer por sua conformação geográfica e clima excepcionais, quer pelas tradições, nas quais a literatura, a dança, o artesanato e a alimentação ocupam lugar de destaque, quer por sentir-se, muitas vezes, vítima de tramas políticas internacionais entre forças e países mais poderosos; quer, ainda, como referência na luta social e política que congrega ou separa grupos com diferentes bagagens culturais e orientações político-ideológicas.

Se muitos libaneses vieram para o Brasil simplesmente para “fazer a vida”, sem maiores preocupações com as razões que levam diferentes grupos a emigrar, outros, principalmente os que se congregam em torno de associações culturais, sociais e políticas, trazem à baila questionamentos e tensões em seus viveres cotidianos. Diferentes bagagens culturais, experiências e perspectivas variadas, em relação aos rumos futuros do Líbano e ao lugar que aspiram e/ou ocupam na cidade de São Paulo, estão na base das articulações e tensões dos grupos entre si, com outros habitantes da cidade e com a própria cidade.

A partir dos anos 1950, desestabilizações na vida social e política libanesa afetam mais incisivamente modos de viver desse povo, gerando novos impulsos migratórios. Pode-se dizer, *grosso modo*, que mobilizações contra o governo do presidente Camille Chamoun, em 1958, já faziam aflorar questionamentos sociais e políticos, razões de disputas entre grupos com orientações político-ideológicas diferentes e contraditórias; a emergência de campos palestinos em algumas cidades libanesas já expressava dimensões da exclusão social que se avolumava no Oriente Médio. Acordos do pós II Guerra mundial e, entre eles, a criação do Estado de Israel em parte das terras palestinas, passaram a constituir sério problema na região, afetando diretamente o Líbano, onde contingentes dessa população passaram a viver em condições precárias, disputando trabalho, lugares e direitos nas cidades. A guerra de 1967, contra Israel, embora curta, também representou estímulo para novas emigrações.

A guerra de 1975 a 1990, no Líbano, desarticula mais acentuadamente, ainda, modos de viver cotidianos da grande maioria de libaneses. Intensifica-se a emigração e

alteram-se as relações entre os libaneses já radicados no exterior e os que permaneceram no país.

Sendo o Brasil alvo de suas escolhas, a presença de libaneses em São Paulo continua a se renovar, expandindo-se por novas localidades, como Foz do Iguaçu, onde uma população xiita vem assumindo expressão. Essa presença configura novos contornos à localidade, ao mesmo tempo em que provoca transformações nas vivências cotidianas desses novos habitantes da cidade.

O processo amplo e radical, representado pela guerra, afetando relações de trabalho, modos de morar na cidade e de se relacionar com ela, desarticulando valores, hábitos e tradições, leva a um redimensionamento de perspectivas, a rearranjos de relações, a um recriar de propostas de vida, mudanças essas que também se imbricam em dimensões do viver em São Paulo, numa relação recíproca e nem sempre tranqüila. Nesse processo, recriações da memória, apontando em várias direções, funcionam como apoio à conservação ou reelaboração de dimensões do viver, à realização de escolhas na construção da sobrevivência.

Nesse sentido, trabalhamos de maneira ampla as relações do viver urbano, levando em consideração sua internacionalidade. Se a pesquisa se centra nos libaneses em São Paulo, a reflexão ultrapassa os limites físicos mais visíveis da cidade, pela rede de relações que seus habitantes estabelecem para além de suas fronteiras geográficas, atentando para as transformações nesses viveres, na cidade e com a cidade, tanto lá quanto cá.

Fazem parte do que chamamos, hoje, libaneses na cidade de São Paulo, maronitas, melquitas, ortodoxos, muçulmanos xiitas ou sunitas, drusos e judeus, para destacar os grupos mais numerosos e/ou expressivos, vindos de diferentes cidades ou regiões das montanhas do Líbano, ou da capital, Beirute. O fato de essas diferenças culturais e históricas serem designadas a partir de um referencial religioso é indicativo da importância da religião na constituição de seus modos de viver, de suas culturas, enfim.

Embora libaneses, de um modo geral, constituam, à primeira vista, modos de viver específicos, penso ser importante não olhá-los pela perspectiva da segregação cultural na cidade e também entre eles; isto significaria empobrecer a análise de vivências ricas e complexas e, de certa forma, desprezar o fato de que a história é movimento constante e está sempre em transformação, pela relação complexa e contraditória que os homens estabelecem entre si, em todas as dimensões da vida social.

No dizer de Raymond Williams, as formas alternativas de se conceber a natureza da relação social, que se forjam em modos de viver específicos, dizem muito sobre as

diferenças entre um grupo e outro, uma classe e outra. As maneiras como esses imigrantes constituem seu viver em São Paulo se traduzem numa realidade em si diferenciada e multifacetada, expressa em modos próprios de trabalhar, morar, se relacionar, constituir família, divertir-se, estudar, orar, projetar o futuro, etc., mediados por tradições, valores, costumes, bagagens culturais, enfim. Construindo a sobrevivência, forjam seus territórios e inscrevem suas marcas na cidade, através das maneiras como interpretam e realizam suas múltiplas atividades, dela se apropriam e por ela circulam, maneiras essas articuladas a sistemas produtivos dessa capital econômico-financeira brasileira, à divisão social do trabalho, a aspectos sociais e culturais da vida urbana, e deles sendo elemento constitutivo, num mecanismo de dominação e resistência.

Representa particular interesse neste estudo destacar alguns contornos físicos e imaginários que libaneses vão construindo na cidade de São Paulo, no convívio com diferentes ambientes e com outros cidadãos.

Maronitas e ortodoxos já caracterizaram, significativamente, as ruas Florêncio de Abreu, 25 de Março, a Vila Mariana, fazendo desses lugares espaços de trabalho e de moradia. Hoje, encontram-se mais concentrados no bairro do Brás, por contingências dos próprios negócios e pelo desenrolar dos mecanismos da própria cidade. Aos poucos foram transferindo suas moradias para o Ipiranga, para o Morro dos Ingleses e Avenida Paulista, estabelecendo maior distância em relação aos locais de trabalho; no Ipiranga, algumas mansões altamente refinadas, com uma arquitetura sofisticada, expressam valores sociais, econômicos, estéticos e arquitetônicos, buscados e incorporados por alguns libaneses que conseguiram acumular maiores capitais. Esse bairro foi, também, sendo substituído, com o tempo, pelos Jardins e avenida República do Líbano. Enquanto isso, no Tatuapé, Pari, Santana, foram se reunindo famílias menos abastadas. Muçulmanos de imigração mais recente foram estabelecendo suas fábricas de móveis e suas moradias na periferia de São Paulo e, com o passar do tempo e a melhoria dos negócios, procuram, hoje, habitações no bairro do Morumbi. Grupos de drusos instalaram-se no bairro de Santana. Suas igrejas e mesquitas pincelam alguns contornos característicos em São Paulo.

Tem sido um trabalho exaustivo e minucioso rastrear a distribuição desses imigrantes em diferentes bairros, para melhor avaliar sua expressão na cidade, ao instalarem seus trabalhos e moradias, locais de culto, clubes, escolas, associações, hospitais, restaurantes em diferentes locais da cidade.

Nessa perspectiva, recorro a censos, estatísticas, relatórios da administração pública, informações consulares, almanaques, estudos sobre a cidade, trabalhos historiográficos.

Designações de avenidas, ruas, praças e monumentos da cidade, são também indícios valiosos da presença libanesa na capital paulista.

Como o objetivo maior é incorporar a perspectiva dos próprios libaneses sobre São Paulo e sua experiência nela e também o olhar de outros habitantes da cidade sobre a presença libanesa, recorro a memórias, biografias, obras literárias, cartas e fotografias. Amantes das letras e dos discursos, um bom número de libaneses destaca-se no âmbito literário. Fato interessante, que nos faz também visualizá-lo como possibilidade de investigação, é o da criação e manutenção de uma cadeira de árabe na Universidade de São Paulo. Estariam libaneses entre os árabes que ajudaram a construir essa proposta? Como se posicionaram, ou se posicionam em relação a isso?

O exame de símbolos, ritos e emblemas, festas e cultos religiosos também está em nossas perspectivas, como expressões de maneiras como valorizam suas culturas, seus locais de origem e a cidade onde hoje moram, projetando caminhos futuros.

Nesse âmbito de reflexões retomamos a questão da guerra de 1975 a 1990, no Líbano, como um fato e um símbolo carregado de significados, presença forte na vida da grande maioria dos libaneses, motivo de concordâncias e também de sérias disputas. Vivendo as cidades em tempo de guerra ou as acompanhando de longe, recomeçando a vida na metrópole paulista, as posições que assumem em relação àquela guerra, as maneiras como a explicam, estão carregadas das expectativas e dos problemas que enfrentam na organização de sua sobrevivência diária, ao se posicionarem em relação ao jogo político que os expulsa de seus territórios e que os leva à construção de outros.

Clubes, sociedades, igrejas, mesquitas, associações e federações, examinados em sua natureza e constituição histórica, também oferecem subsídios sobre as formas como esses libaneses se organizam e forjam seus territórios, como contribuem na construção da cidade e projetam sua imagem nela. O estudo dessas instituições traz luzes sobre caminhos percorridos, visões de mundo, valores, tradições, necessidades e sentimentos subjacentes à construção diária de seus espaços e de si mesmos. Uma visão geral das associações e sociedades constituídas por libaneses indica que boa parte delas é benéfica, desdobrando-se em asilos, hospitais, creches, etc.. Num olhar preliminar sobre igrejas e mesquitas, constata-se que, entre os praticantes de cada culto religioso, grupos de jovens se formam com propostas bastante diversificadas: enquanto maronitas, melquitas e ortodoxos constituem movimentos semelhantes aos da igreja católica latina, os muçulmanos preferem estimular o ensino do Corão.

Entre os libaneses que se mantiveram mais ligados ao Líbano, permanece o uso da língua árabe em família, entre amigos ou nos negócios; permanece, também, o cos-

tume dos pais enviarem para lá seus filhos, para estudarem e/ou casarem. Em relação ao uso da língua, muitas famílias, mais integradas à vida de São Paulo, vão abandonando esse uso, enquanto outras (e algumas instituições) fazem questão de conservá-la e difundi-la. Estudo interessante é o de observar não só as transformações que se operam na língua, com o passar do tempo, como também as diferentes formas de se expressar praticadas pelos vários grupos, sendo motivo de disputas e chacotas entre eles. No conjunto das instituições formadas por libaneses, algumas delas organizam cursos de língua árabe, grupos artísticos, entre os quais destacam-se o teatro, as danças e musicais. Entre as associações, mais ou menos recentes, notam-se formas variadas e conflitantes de valorizar a cultura árabe e/ou libanesa, levando-nos a indagar como se explicam. Várias dessas instituições produzem seus próprios periódicos, constituindo-se em espaços e práticas através das quais firmam sua presença na cidade, constituem sua memória e organizam suas lutas.

Ao penetrarmos nos meandros da experiência de algumas dessas organizações, avaliações com base num levantamento preliminar mais geral vão sendo reformuladas, frente a uma realidade bem mais complexa, ambígua e contraditória que se delinea. Para isso tem contribuído a busca de compreensão dos referenciais culturais e perspectivas futuras dos próprios libaneses. Nesse sentido, o trabalho com a história oral tem sido fundamental ao trazer, com mais vigor, a vida para a história, quer daqueles que já se sentem brasileiros, ou outros, que insistem em permanecer libaneses, amando, ou não, o Brasil. No diálogo com esses “estrangeiros”, travados nas entrevistas, recuperamos conflitos vividos, trajetórias percorridas, escolhas realizadas, o pulsar da vida nas ruas e nas casas, desafios e transformações enfrentados por libaneses de diferentes níveis sociais, em diferentes ramos de atividade, com bagagens culturais e perspectivas variadas. Vamos ao encontro dos modos como vivem e elaboram as relações que estabelecem na cidade e com a cidade, mediadas por tradições, hábitos, escolhas, preceitos religiosos e morais variados, surpreendendo homens e mulheres, jovens e velhos constituindo seus territórios e apropriando-se de muitas maneiras dessa cidade, em articulação ou tensão entre si e com tantos outros habitantes.

Expressão evidente de disputas culturais, particularmente políticas, está no modo como diferentes grupos de libaneses se autodenominam e/ou se apresentam: libaneses e/ou árabes. Entre aqueles que evocam as origens fenícias e os que se reconhecem como integrantes do mundo árabe estão formas conflitantes, ambíguas e contraditórias de pensar e de encaminhar os destinos do país e os seus próprios.

Enfatizamos o trabalho com a memória, buscando nela os significados que esses libaneses atribuem aos fatos, à experiência vivida, procurando identificar em sua prática social os elementos que caracterizam aquilo que Williams afirma como sendo específico da cultura (entenda-se modo de viver) de cada grupo e das relações que estabelecem com a cidade e com seus outros habitantes. Uma observação acurada do que recordam e como recordam revela muito de suas carências, expectativas, do lugar que ocupam e que aspiram na cidade de São Paulo.

Trata-se de um exercício bastante delicado e sutil, uma vez que relações de poder, regras de convívio social, valores e sentimentos, vividos conflituosamente no dia-a-dia, vão sendo questionados e avaliados, expressando-se em disputas de territórios, em tensões e reformulações de costumes, tradições, crenças, relações familiares, modos de encarar a vida cotidiana e de projetar o futuro, etc. O próprio ato de narrar aviva essas tensões, mediado que está pelas situações vividas no presente, pela busca, de cada narrador, de reconhecimento público, ao narrar, pelos conflitos pessoais vividos.

Para Portelli, a memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos sociais criados e compartilhados. O ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais, ainda que a essência dos indivíduos seja sempre moldada, de diversas formas, pelo meio social. Assim temos que cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos eminentes contornados e, por pouco, evitados, e cada entrevista é diferente de todas as outras.³

O diálogo com múltiplas vozes, expressões de múltiplas experiências e tendências, em convívio e em confronto, num campo de forças determinado, tem nos colocado o desafio de problematizar essa diversidade e torná-la visível, através de uma investigação aberta e de uma forma de redação que ofereça ao leitor dimensões da complexidade, contraditória e ambígua, da presença libanesa em São Paulo, ajudando a construir essa cidade. Nesse sentido, as entrevistas têm sido um campo de testes para exercitar igualdades e diferenças entre entrevistador e entrevistado e entre os próprios entrevistados.

Muitos libaneses contam a mesma história, ou a contam da mesma maneira, levando-nos a considerar que compartilham dimensões de uma cultura árabe mais ampla,

3 A. Portelli. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral". *Ética e História Oral, Projeto História 15*, São Paulo, Educ, 1997, pp. 17-18.

de um mesmo processo de imigração para a “América”, que enfrentam problemas semelhantes na cidade de São Paulo, que articulam trabalhos semelhantes por suas próprias habilidades culturais específicas; evitando, entretanto, explicar essas experiências historicamente vividas pelo viés da identidade, procuro explorar as contradições e ambigüidades de um processo muito mais rico do que se nos apresenta inicialmente.

Nesse caminho, problematizo os modos como libaneses se relacionam na cidade e com a cidade, os contornos que lhe inscrevem, os modos como a vêem e se vêem nela, tanto quanto as noções de identidade cultural, de sujeito coletivo, de memória coletiva na produção do conhecimento histórico. Indagamos sobre o alcance e os limites dessas noções que, ao favorecerem abstrações da realidade social, podem aplinar a natureza contraditória das relações sociais, os caminhos sinuosos das problemáticas vividas por esses sujeitos reais e, sobretudo, passar à margem dos mecanismos subjacentes às escolhas que realizam ou que são levados a fazer.